I Seminário de Pesquisa, Extensão, Inovação e Cultura do Território do Sisal

Cadernos Macambira
*V. 3, Nº 2, 2018. Página **14** de **54.***
Anais do I Seminário do Sisal: Seminário de Pesquisa, Extensão, Inovação e Cultura do Território do Sisal.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

DIÁLOGOS E PROBLEMATIZAÇÕES DO VIVER E PRODUZIR NO CAMPO: ENTRELAÇANDO PRINCÍPIOS SOLIDÁRIOS E AGROECOLÓGICOS NA COMUNIDADE BARRO – SERRINHA – BAHIA

Iaçanan Carneiro[1] e Heron Souza[2]

[1]Instituto Federal Baiano - *Campus* Serrinha/ Estágiaria do Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes/ Bolsista de Inciação Científica do CNPq, [2]Professor Dutor do Instituto Federal Baiano, Pesquisador do Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes heron.sousa@ifbaiano.edu.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou analisar a dinâmica socioeconômica da agricultura familiar na comunidade Barro, no município de Serrinha – Ba, considerando a organização social e os princípios da economia solidária e da agroecologia. Os desafios e possibilidade postos aos agricultores familiares no semiárido baiano, por exemplo, requer compreender também os valores e princípios que norteiam a vida social e a relação com a natureza. Os saberes, fazeres e vínculos des-reconstruídos e ressignificados no processo histórico. A compreensão dos modos de viver e produzir no campo e no semiárido pressupõe a desconstrução de discursos reprodutores de dependência e inércia social (FURTADO, 2008). É nesse sentido que os valores, práticas e princípios da agroecologia e economia solidária podem ser tencionadas a fim de potencializar estratégias sustentáveis e integradoras de viver e produzir (SCHIMITT, 2010).

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado na comunidade Barro, município de Serrinha-Ba, com agricultores familiares sócios e não-sócios da Associação Comunitária. O pressuposto metodológico foi a pesquisa-ação (DIONNE, 2007) em que foi feito o diagnóstico participativo utilizando a ferramenta árvore dos sonhos (MANUAL, s/d) e algumas entrevistas com sujeitos-chave da comunidade e associação. Depois de analisar os resultados do diagnóstico e discutir com a comunidade foram definidas estratégias de intervenção, como oficinas, intercâmbios, troca de experiências, dentre outras.

Cadernos Macambira
*V. 3, Nº 2, 2018. Página **15** de **54.***
Anais do I Seminário do Sisal: Seminário de Pesquisa, Extensão, Inovação e Cultura do Território do Sisal.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A criação da Associação Comunitária do Barro em 2016 deuse pela necessidade dos moradores/agricultores (aproximadamente 500 famílias) terem uma representação para dialogar com os órgãos governamentais e outros agentes territoriais. Alguns projetos foram implantados, após a criação da associação, como a cisterna de consumo (aproximadamente setenta famílias contempladas), barreiro familiar, kit horta, sementes e aração de terra por 4 anos.. Havia um grupo de produção na área de panificação que fechou. Apesar de atualmente não existir grupo organizado de produção, a comunidade apresenta como fortaleza a produção agrícola para o autoconsumo. Alguns agricultores produzem hortaliças para comercialização. No geral, tais produções estão calcadas nos princípios agroecológicos em virtude de cursos de curta duração realizados na comunidade. Com a construção árvore dos sonhos os(as) associados(as) sinalizaram três eixos fortes: 1) projetos para a associação – necessidade de instrumentalizar o grupo para a elaboração de projetos e também constituição e fortalecimento de vínculos e rede com potenciais parceiros governamentais e territoriais, cursos para potencializar os saberes agroecológicos (Figura 1); 2) fortalecimentos dos laços associativos e valorização da associação – necessidade de entendimento do fazer associativo, da solidariedade e cooperação como elementos importantes para a construção coletiva, diálogo, negociação (); e 3) participação na associação – faz-se necessário entender a horizontalidade do poder, a autogestão, o diálogo. Considerando que a representatividade nos espaços políticos têm se concentrado em alguns sujeitos do campo, coloca-se como desafio repensar a formação de (novas) lideranças.

Figura 1: Intercâmbio sobre vivências associativas e banco de sementes



FONTE: Carneiro, 2016

CONCLUSÃO

O trabalho realizado demonstrou que há uma relativa dinâmica socioeconômica na comunidade, principalmente com as hortas para comercialização e interação com atores territoriais que viabilizaram a implantação de tecnologias sociais de convivência com a seca. O diagnóstico também evidenciou a necessidade de fomentar: a) os laços de solidariedade e participação ativa na associação; b) o contexto produtivo para o autoconsumo e comercialização; e c) os saberes e princípios agroecológicos que norteiam as práticas agrícolas. Em relação as intervenções com foco nesses aspectos sinalizados, discutiu-se com os agricultores / associados a construção de práticas formativas com enfoque agroecológico e nos princípios da economia solidária – intercâmbios, trocas de saberes, banco de sementes.

AGRADECIMENTOS

Projeto financiado pelo CNPq. [1]Bolsista CNPq.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIONE, Hungues. A pesquisa-ação para o desenvolvimento local. Hungues Dione. Tradução Michel Thiollent. Brasilia: Liber Livro Editora, 2007.

FURTADO, Celso. Criatividade e dependência na civilização industrial. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008. MANUAL Metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário. Brasil – Canadá:

ECOAR, YORK, USP. SCHIMITT, Cláudia Job. Economia solidária e agroecologia: convergências e desafios na construção de modos de vida sustentáveis.

IPEA, 2010. SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, B. de S. S. et al. Produzir para viver: os caminhos da produção não-capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.